



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA – PAA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

ANA PAULA DE ARAÚJO GOMES CUNHA

**MAPEAMENTO DOS AGENTES E BENS NO CIRCUITO DE PRODUÇÃO E
TROCA DA BALATA NO PARÁ**

**SANTARÉM
2020**

ANA PAULA DE ARAÚJO GOMES CUNHA

**MAPEAMENTO DOS AGENTES E BENS NO CIRCUITO DE PRODUÇÃO E
TROCA DA BALATA NO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção grau de Bacharelado em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho.

**SANTARÉM
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

C972m Cunha, Ana Paula de Araújo Gomes
Mapeamento dos agentes e bens no circuito de produção e troca da Balata no Pará. / Ana Paula de Araújo Gomes Cunha. – Santarém, 2020.
53 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Luciana Gonçalves de Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Balata (*Manilkara bidentata*). 2. Extrativismo. 3. Artesanato. I. Carvalho, Luciana Gonçalves de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 338.1749098115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ANA PAULA DE ARAÚJO GOMES CUNHA

**MAPEAMENTO DOS AGENTES E BENS NO CIRCUITO DE PRODUÇÃO E TROCA DA
BALATA NO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Antropologia e Arqueologia
para obtenção grau de Bacharelado em
Antropologia; Universidade Federal do Oeste do
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Gonçalves de
Carvalho.

Nota: 9,0 (nove)

Data de aprovação: 29/05/2020*

PRESIDENTE: Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho

Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR: Prof. Dr. Florêncio Almeida Vaz Filho

Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR: Prof. Me. Bruno Alberto Paracampo Mileo

Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADORA: Profa. Me. Raquel Araújo Amaral

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

* Defesa realizada em ambiente virtual, nos termos do Art. 8º da IN nº 02/2020

Dedico este trabalho à minha mãe
Maria de Araújo e à minha vó Zilza de
Araújo.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha mãe Maria de Araújo, à minha vó Zilza de Araújo e ao meu pai Paulo Cunha, pelo apoio no sonho de me tornar antropóloga, sobretudo financeiro.

À Luciana Carvalho, minha orientadora, uma das melhores antropólogas que tive o privilégio de conviver e acompanhar em exercício além da sala de aula. Agradeço também pela amizade e apoio que ultrapassam questões da vida acadêmica. Agradeço as oportunidades incríveis de pesquisa e extensão.

Agradeço ao Programa de Antropologia e Arqueologia da UFOPA pela paciência e diálogos em sala de aula. Especialmente aos professores Miguel Aparício, Raiana Ferrugem, Dassuen Nogueira e Carla Ramos. Agradeço muito os professores Florêncio Vaz e Bruno Miléo por aceitarem estarem na minha banca em um momento tão complicado.

Agradeço as amigas que fiz no Programa de Extensão e Patrimônio Cultural da Amazônia, em especial: Juliana Fideles, Malenna Farias, Soliane Santos, Valentina Pompermaier, Juliana Bentes e Vanessa Figueiredo. Por tornarem o ambiente acadêmico prazeroso e pela ajuda nos “corres” da graduação.

Agradeço a Universidade Federal do Oeste do Pará, pelas bolsas de auxílio permanência, pelas bolsas de pesquisa e extensão e também pela bolsa de estágio na biblioteca. Auxílios estes fundamentais, sem os quais não seria possível a minha permanência em uma cidade diferente da cidade dos meus pais.

Agradeço profundamente a Associação de Balateiros da Calha Norte por partilharem suas vidas e me receberem bem em todo período de pesquisa, por serem sempre atenciosos e bem humorados.

RESUMO

Esta pesquisa refere-se à descrição da cadeia produtiva de um tipo de látex denominado balata (*manilkara bidentata*) no estado do Pará e das relações sociais nela compreendidas. Inicialmente, procedeu-se à identificação dos diferentes agentes que realizam desde a extração do látex até a comercialização de objetos figurativos confeccionados com balata. Para tanto, foram acionados contatos com extrativistas que trabalham nas florestas de Monte Alegre e artesãos tanto desse município quanto dos municípios de Santarém e Belém. Posteriormente, tratou-se de levantar dados objetivos referentes ao trabalho executado por esses dois grupos e compreender o teor das relações que mantêm, assim como os pontos de vistas que os orientam. O trabalho de campo etnográfico demonstrou que artesãos e balateiros são personagens completamente distintos nessa cadeia produtiva. A pesquisa fornece uma descrição das atividades executadas por esses dois personagens, a fim de compreender o teor das relações que mantêm. Conclui-se que esses personagens acionam diferentes estratégias de trabalho e troca que contribuem para sua reprodução social.

Palavras-chave: Balata (*Manilkara bidentata*). Extrativismo. Artesanato. Pará.

ABSTRACT

This research refers to the description of the production chain of a type of latex called balata (*manilkara bidentata*) in the state of Pará and of the social relations included therein. Initially, the different agents that perform everything from extraction of latex to the commercialization of figurative objects made with balata were identified. To this end, contacts were made with extractivists working in the forests of Monte Alegre and artisans both in that municipality and in the municipalities of Santarém and Belém. Subsequently, it was necessary to collect objective data regarding the work developed by these two groups and to understand the content of relationships they maintain, as well as the points of view that guide them. The ethnographic fieldwork added that artisans and ballers are completely different characters in this production chain. The research offers a description of the activities performed by these two characters, in order to understand the content of the relationships they maintain. It is concluded that these characters trigger different work and exchange strategies that contribute to their social reproduction.

Keywords: Balata (*Manilkara bidentata*). Extractivism. Crafts. For.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Amostras de artesanato de balata.....	14
Figura 2: Localização de Monte Alegre	15
Figura 3: Calha Norte	16
Figura 4: Vista do mirante	17
Figura 5: Oscarino Braga	21
Figura 6: Darlindo Oliveira em reunião.....	22
Figura 7: José Santana (Zeca).....	23
Figura 8: Bilhete de convocação	27
Figura 9: Reunião de balateiros e parceiros.....	27
Figura 10: Turma de balateiros planejando a expedição de 2012.....	32
Figura 11: Preparativos para expedição em 2012	33
Figura 12: Trecho de viagem no rio Maicuru	34
Figura 13: Bojó e Zeca observam Marcelo aprendendo a escalar a balateira.....	37
Figura 14: Carregamento de balata em animal	38
Figura 15: Beto cortando o bloco de balata em pedaços para cozinhar.....	43
Figura 16: Diferentes etapas da produção	44
Figura 17: Aprendizes modelando peças	44
Figura 18: Paulo Baía finalizando uma peça.....	45
Figura 19: Objetos usados no acabamento das peças.....	46
Figura 20: Amostras do artesanato	47
Figura 21: Fluxograma	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PESQUISA E EXTENSÃO ENTRE BALATEIROS E ARTESÃOS.....	15
3	OS BALATEIROS DE MONTE ALEGRE.....	29
4	OS ARTESÃOS	40
4.1	Perfil dos artesãos	41
4.2	Técnica do artesanato de balata.....	42
4.3	Cuidado com as peças.....	46
4.4	Repertório de peças.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2014, tornei-me aluna do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental no Instituto Federal do Pará (IFPA) localizado na minha cidade natal, Bragança - Pará. Nesse curso, tive disciplinas sobre diversos temas, tomando conhecimento de perspectivas das ciências biológicas, exatas, humanas e ambientais. Algumas das disciplinas, especialmente aquelas que abordavam só ciências biológicas e exatas, bem como experiências em campo, me esclareceram que eu não tenho afinidade com essas ciências. Por outro lado, comecei a ter certeza do que eu queria ao cursar as disciplinas que aliavam ciências humanas e ambientais, entre elas, a disciplina de Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Essa disciplina despertou meu interesse por discussões que envolvem comunidades tradicionais e Unidades de Conservação (UC). O que mais chamou minha atenção foi o fato de que o Brasil é uma referência mundial na implementação de leis ambientais, mas, ainda assim, é muito falho em administrar os diferentes interesses sobre o meio ambiente, especialmente no que se refere à grandiosidade da Amazônia e à sua diversidade. Ficou muito claro, desde os primeiros estudos, que, diante das falhas das leis ou do cumprimento delas, quem sempre sofre as piores consequências são as comunidades.

Além das aulas, leituras e discussões propiciadas em sala, o curso de Tecnologia em Gestão Ambiental também me proporcionou a experiência de entrevistar pessoas em um trabalho de pesquisa sobre a qualidade da água em um bairro periférico de Bragança. Nessa experiência, o que eu mais gostei foi de estar com as pessoas, ouvi-las e conhecê-las.

Sabendo que a Antropologia é uma área científica que valoriza as interações pessoais nos métodos de pesquisa, sobreveio o desejo de fazer esse curso. Nesse período, projetei prestar concurso para ingressar no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, com a intenção de lá obter a habilitação em Antropologia. Entretanto, meu desejo foi frustrado no ano seguinte, quando não fui classificada para entrar na turma de Ciências Sociais, permanecendo então estudante de Tecnologia em Gestão Ambiental.

Assim mesmo, o ano de 2015 me trouxe outra experiência interessante, que reforçou o desejo de mudar de curso. Através do movimento social chamado “Levante

Popular da Juventude”, participei do Estágio Interdisciplinar de Vivência do Pará (EIV). O evento era de formação política e tinha duração de 17 dias. Além de ser vinculado ao movimento citado, também tinha ligações com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Após quatro dias do início do evento, cada participante — em geral, os participantes eram universitários oriundos de todo o Pará — foi para um acampamento ou assentamento do MST. No entanto, antes de viajarmos fomos incentivados a colher o máximo de informações possíveis sobre os lugares onde ficaríamos, pois, na chegada de volta das vivências, iríamos compartilhar nossas experiências com todos os participantes do evento.

Eu e outra moça fomos para uma área do MAB, onde iríamos permanecer por sete dias. A área ficava em uma comunidade chamada Espírito Santo, próximo à cidade de Marabá, nas margens do Rio Tocantins. A previsão é que essa comunidade será alagada, caso aconteça a execução dos grandes projetos de construções de barragens ao longo desse Rio Tocantins.

A ida para a comunidade Espírito Santo me trouxe experiências que até então eu não havia tido. Fui deixada em um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas, com o intuito de conhecer as histórias e a militância dessas pessoas. Nas falas das pessoas com quem conversei, notei que havia muitas demonstrações de apego afetivo ao lugar e, também, expressões frequentes da preocupação que sentiam de serem realocadas em um lugar incompatível com o modo de vida a que eram acostumadas, principalmente no que se refere ao trabalho. As famílias do Espírito Santo trabalhavam com pesca e turismo, basicamente. Eram poucos os homens que trabalhavam fora da comunidade. Para além de tentar que as barragens não fossem construídas, eles lutavam para ter boas condições de vida, caso fossem obrigados a se retirarem daquele local.

Conviver com pessoas que viviam em um contexto muito diferente do meu, ou seja, conhecer outra possibilidade de existência me deu entusiasmo e mais clareza de que era com isso que eu queria trabalhar. O exercício de estabelecer relações e criar vínculos foi algo que eu me senti capaz de fazer bem. Ademais, entendi que conseguia superar algumas dificuldades que me foram apresentadas como, por exemplo, ficar longe de casa e me submeter a situações de desconforto e perigo.

Apesar das dificuldades, durante o EIV fui convencida de que eu queria um curso e uma pesquisa de cunho político e relevância social. A antropologia me parecia um bom lugar para desenvolver esses interesses, e eu era ciente de que o antropólogo tinha um papel importante no reconhecimento de territórios diante do estado. Enfim, após duas tentativas frustradas de ingressar em ciências sociais na UFPA, fui aprovada no curso de bacharelado em antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

No ano de 2016 iniciei a trajetória no novo curso, já ciente de que a formação em antropologia é mais voltada para pesquisa e pós-graduação, e que os espaços geralmente destinados a antropólogos são as universidades. Então, comecei a graduação planejando seguir para o mestrado, o que me exigiria construir um bom currículo *lattes*. Assim sendo, já no primeiro semestre, comecei a buscar por projetos de pesquisa e extensão que envolvessem a temática dos conflitos socioambientais, pois era algo de que eu já tinha algum conhecimento, devido às leituras e aos debates realizados no curso de gestão ambiental.

Já como aluna da Ufopa, soube que o Programa de Extensão e Patrimônio Cultural da Amazônia (PEPCA) é uma referência na produção de projetos, eventos, livros, artigos e outros produtos acadêmicos e culturais nos quais tinha interesse. Então, assim que, em setembro de 2016, abriu um processo seletivo de bolsistas para esse programa, eu me candidatei, mesmo sem saber direito do que se tratava. Coincidentemente, havia um projeto de extensão sobre um conflito existente entre um grupo de extrativistas e o órgão gestor de uma Unidade de Conservação. Como meu perfil se encaixou no projeto, fui selecionada.

Sobre o conflito abordado no projeto, fui aprendendo aos poucos. Ele se passava em Monte Alegre, um município localizado à 85 km de Santarém. O grupo de extrativistas era composto por balateiros, sujeitos que extraíam balata (*Manilkara bidentata*) na Floresta Estadual do Paru (Flota Paru), UC criada em 2006. Em resumo, os extrativistas lutavam para manter suas atividades sazonais na Flota, enquanto os órgãos estaduais vinham destinando a floresta a concessões florestais. Além dos balateiros, um grupo de artesãos também estava interessado no conflito, visto que, ainda mais que os primeiros, dependem economicamente daquela matéria-prima (a balata), com a qual produzem miniaturas representativas da Amazônia.

Ao longo da minha permanência no Pepca, desempenhei diferentes funções relacionadas ao projeto — seja como bolsista de iniciação científica, seja como extensionista —, de maneira que tive diversas oportunidades de contato com artesãos e balateiros, conforme as demandas dos planos de trabalho que eram desenvolvidos no Pepca pela orientadora deste trabalho e pelo professor Bruno Mileo, advogado. As demandas e os trabalhos foram variados

Fiz viagens a campo para realizar atividades na cidade e na zona rural de Monte Alegre, onde os balateiros e dois artesãos residem. Igualmente, fiz pesquisa de campo na cidade Santarém e Belém, locais de moradia de outros quatro artesãos. Na capital do estado, visitei a casa de todos os integrantes da cadeia produtiva do artesanato de balata e o seu principal local de comercialização: a Praça da República.

As viagens me permitiram conviver com os grupos sociais que estudei, essa convivência foi fundada no trabalho de campo onde foram realizados procedimentos metodológicos de cunho etnográfico. Sobre o método etnográfico Rocha e Echert (2018,p.1) afirmam :

De fato o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado.

Com esse trabalho, pude colaborar na pesquisa de mestrado Brenda Souza (2017), orientada por Luciana Carvalho no Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Amazônia na UFOPA.

Ainda no Pepca, busquei aprender a orientar, pois acompanhei Luciana Carvalho na orientação de uma aluna de ensino médio fazendo iniciação científica (PIBIC-EM). Além disso, o programa me proporcionou aprender: a reconhecer e treinar o estilo de escrita antropológica, ao redigir projetos e relatórios; a lidar com burocracias; a transcrever entrevistas e reuniões; elaborar questionários e entrevistas semiestruturadas; a entrevistar sem estrutura nenhuma e a organizar eventos, em especial a montagem de uma exposição permanente no campus da Ufopa em Monte Alegre. Mais que isso, aprendi a importância de ser próxima das pessoas com quem realizo meu estudo e de saber lidar, pelo menos minimamente, com situações desconfortáveis, visando o próprio sucesso da pesquisa.

Enfim, no Pepca eu busquei aprender tudo que fosse possível para, futuramente, exercer com autonomia uma carreira de docente e pesquisadora. Tenho

certeza de que minha passagem pelo programa fez imensa diferença na minha formação e, de certa maneira, completou um ciclo de interesses de pesquisa aberto no curso de Tecnologia em Gestão Ambiental, que não cheguei a concluir, mas ajudou a reconhecer o campo de conhecimentos que me atrai.

Não poderia deixar de registrar esta breve trajetória acadêmica, uma vez que este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se conecta com experiências anteriores, acadêmicas e pessoais, embora tenha sido inteiramente gestado dentro do Pepca, onde fui bolsista de iniciação científica (Fapespa), bolsista extensionista (PROEXT/MEC e PIBEX/Ufopa) e voluntária, sempre em projetos relacionados à balata.

Dos vários diálogos que tive com os balateiros e artesãos produtores de miniaturas de balata, pude reter informações importantes sobre suas respectivas atividades, opiniões, reflexões e motivações relativas ao conflito que gerou o projeto executado pelo Pepca. Tudo isso, contribui para apreender o “espírito”. A menção do “espírito” dá continuidade à metáfora de Malinowski(1922), na qual o esqueleto seria a construção abstrata da vida tribal; o sangue e a carne seriam os detalhes do comportamento e a cotidianidade; e por fim, haveria o espírito.“[...] há ainda a registrar-se-lhe o espírito – os pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos [...]”.

Diante de tantas e tão variadas informações, ficou difícil escrever o TCC. Qual seria o tema? A atuação dos balateiros diante dos órgãos intervenientes na Flota? A produção, a estética e a circulação do artesanato de balata? Os saberes e as técnicas dos balateiros na floresta? O histórico de exploração da balata?

Vi, ouvi e apreendi tantas coisas que escrever se tornou um impasse. Mesmo sabendo que não é possível dar conta de tudo, qualquer tema que recortasse me dava a sensação de estar sendo medíocre frente a tudo que aprendi sobre esse universo da balata. Outro problema vem da impressão de que tudo que se podia escrever sobre o assunto já estava escrito por Luciana Carvalho ou algum de seus alunos que trabalharam no caso ao longo dos anos — até mesmo eu, que assino um artigo com ela e Brenda Souza.

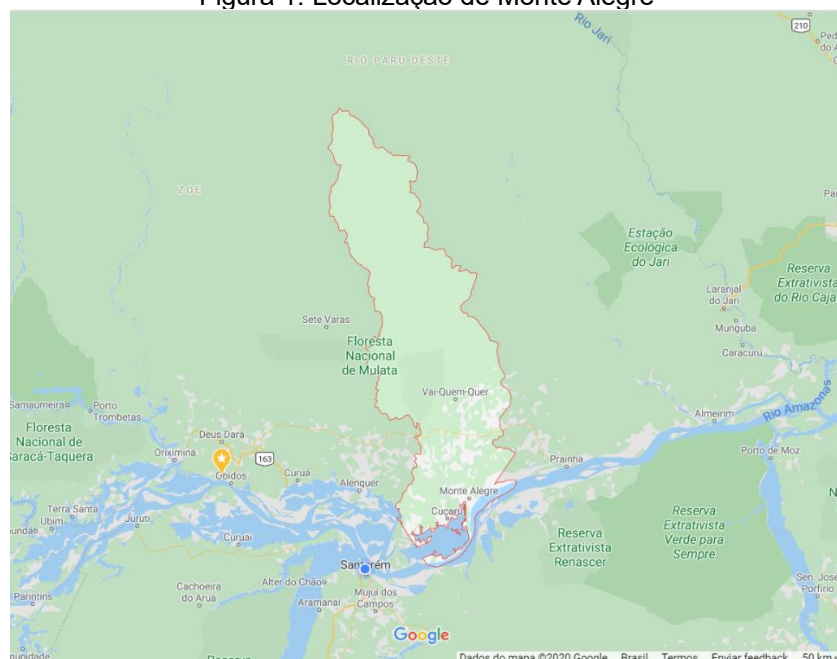
Depois de muitos embates internos e com a orientadora, assumi um objetivo para este TCC se tornar possível. Pretendo, então, descrever e caracterizar os

2 PESQUISA E EXTENSÃO ENTRE BALATEIROS E ARTESÃOS

Logo que aceitei o desafio proposto pelo projeto que o Pepca desenvolvia junto aos balateiros, a primeira tarefa que recebi foi a leitura de materiais e estudos que haviam sido realizados no próprio programa. Imediatamente me foram dados o livro *Memórias de trabalho – Balateiros de Monte Alegre* e o filme *Balatais de Saudade*. O livro contém dezenas de depoimentos e imagens dos sujeitos que trabalharam com balata. O filme por sua vez, também contém depoimentos porém registrados de forma audiovisual, onde os balateiros ativos e inativos e artesãos narram as suas vivências no período áureo da balata bem como após a decadência. Esses dois materiais foram recomendados com a observação de que deveria me preparar para irmos a campo, eu e a orientadora do plano de trabalho em seguida. Mal entrei na fase “teórico-intelectual” que Da Matta (1978) descreve como o período em que a teoria é estudada somente através de livros sem lidar com a realidade concreta. Em menos de um mês já saí para o trabalho de campo, ou seja, comecei a lidar com a realidade concreta em Monte Alegre.

Monte Alegre fica a aproximadamente 85 km de Santarém, na beira do rio Gurupatuba — nome da aldeia indígena que, antes da colonização, existia no local. O rio Gurupatuba é um afluente da margem esquerda do rio Amazonas. A localização do município está indicada na Figura 2.

Figura 1: Localização de Monte Alegre



cidade, que fica em frente à igreja do padroeiro São Francisco de Assis. Nesse local, situado em uma zona elevada da cidade, há um mirante de onde é possível observar uma belíssima paisagem do baixo Amazonas, ilustrada na Figura 4.

Figura 3: Vista do mirante



Fonte: Luciana Carvalho.

Procuramos um lugar para sentar e analisar um formulário que havia sido produzido pela mestrandia Brenda Souza, e que eu deveria aplicar junto aos artesãos de balata (Anexo 1). O primeiro teste seria feito em Monte Alegre.

Vale ressaltar que meu plano de trabalho, então financiado com bolsa de iniciação científica pela Fapespa, naquele momento, era vinculado à dissertação de Brenda Souza, de modo que minha pesquisa deveria auxiliá-la com dados que pudesse levantar, seja em campo, seja em registros impressos e audiovisuais. A pesquisa de Brenda Souza mapeava os usos e sentidos sociais, econômicos e culturais do extrativismo de balata, e previa, entre outras técnicas, a aplicação de formulários de perguntas e a realização de entrevistas semiestruturadas com balateiros e artesãos.

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.(BONI;QUARESMA, 2005, p.75)

Neste sentido, a pesquisa me proporcionou oportunidades para conhecer e exercitar alguns procedimentos usuais em pesquisas etnográficas.

Voltando ao formulário que iríamos analisar, ele fora preparado especialmente para os artesãos e continha perguntas referentes à identificação do entrevistado e ao trabalho que desenvolve. Estas últimas eram específicas à lida com a balata e tratavam das formas de obtenção da matéria-prima, da quantidade de balata consumida, de como era feito o transporte da balata e das peças, e ainda seus custos. Fizemos algumas alterações no formulário e incluímos uma questão sobre as concessões florestais que ameaçam de corte as balateiras, árvores que são fonte da balata, o que conseqüentemente afetaria os artesãos. Naquele final de semana foi-me dada a responsabilidade de entrevistar dois artesãos de balata que residiam em Monte Alegre: Osvaldo Baía e seu irmão Luís Carlos Baía.

Para ter acesso ao endereço dos dois artesãos, tivemos que entrar em contato com Paulo Baía, irmão deles, também artesão de balata que mora em Belém. Na tarde de sábado, ligamos para o Osvaldo Baía e foi marcado comparecer em sua residência na manhã de domingo. Com a pasta que continha o formulário de perguntas, os endereços e os dois gravadores, segui primeiro para a casa de Osvaldo. Ao chegar lá, falei com uma das filhas dele, que logo o chamou. Na entrada da casa, na sala havia uma máquina de costurar, que era usada por sua esposa. Aquele era meu primeiro contato com um sujeito da balata, o nervosismo era inegável, mas me apresentei e pedi autorização para gravar a entrevista, na qual eu faria perguntas que constavam no formulário.

Osvaldo Baía era um homem de 74 anos, e, pelo menos pelo que se sabe, ele foi um dos últimos patrões de balata. O mais próximo que ele chegou de um balatal foi até a Lagoa Azul,¹ em uma viagem que havia feito com Luciana Carvalho em 2005. A entrevista com ele tornou-se uma conversa informal, o que pessoalmente foi muito proveitoso para mim devido ao meu recente contato com a pesquisa. Encontrei um ambiente acolhedor bem diferente do clima hostil encontrado por Evans-Pritchard(1940) nos primeiros contatos com os Nuer, no Sudão da África. A entrevista acabou sendo “em dupla”, porque a esposa de Osvaldo também fez várias

¹ É importante ressaltar que os artesãos correspondem a uma categoria diferente dos extrativistas, portanto, não possuem as habilidades de um balateiro e vice-versa.

contribuições. Chegamos a mais de 40 minutos de gravação, considerando vários minutos de desabafos. Os lamentos se deviam ao fato de que ele teve algumas divergências quando o aviamento foi quebrado, e passou a não mais intermediar as relações dos balateiros e artesãos de balata, o que lhe gerou descontentamento, visto que perdeu dinheiro.

Por fim, com Seu Osvaldo obtive informações sobre o local de residência do Seu Luís Carlos, que era bem próximo. Ainda naquela manhã tentei contatá-lo, mas, ao chegar à sua casa, ele estava dormindo. Retornei para o hotel e, na tarde do mesmo dia, fui até sua casa novamente e o encontrei.

A entrada da casa também dava acesso aos fundos, então fomos para o quintal, para debaixo das árvores onde estavam dispostas duas cadeiras. Durante a entrevista, Luís Carlos Baía parecia tímido e não falou mais o que o necessário, porém mostrou com orgulho algumas peças de balata que produzira. Fiquei em seu quintal por menos de meia hora e retornei para o hotel. Por volta das cinco horas manhã do dia posterior, fomos até onde se encontrava a lancha e retornamos a Santarém, chegando bem cedo na manhã da segunda-feira.

Em Santarém mora outro irmão dos meus primeiros entrevistados, o artesão Alberto Baía, mais conhecido como Beto. Na tarde do dia 3 de outubro de 2016, fui com Brenda Souza, em seu carro, até a casa de Beto. Dessa vez a responsabilidade de realizar a entrevista seria dela, e eu deveria acompanhar.

Ao chegar lá, nos acomodamos em uma área coberta que fica na lateral direita de sua casa. Ali havia uma mesa retangular e cadeiras de madeira, e aparentava ser o lugar das refeições da família. Além disso, era o lugar onde Beto costumava trabalhar, como indicavam alguns dos materiais utilizados para produção do artesanato: o local do cozimento fora da superfície de cimento, com pedaços de madeira queimada e pedaços de balata puxada debaixo da mesa.

O que foi observado de diferente das entrevistas anteriores, foi o contato com os pedaços de balata, antes de serem moldados, e como era feito para a balata ficar colorida. Ademais, a panela, o local de cozimento, os pedaços puxados etc. Esse conjunto proporcionou-nos uma maior noção do processo de produção dos bichinhos figurativos para além das explicações orais.

A missão de entrevistas em Monte Alegre e Santarém estava cumprida, e, em seguida, eu partiria para nova rodada de entrevistas em Belém. Ainda no período de

estadia em Monte Alegre, planejamos essa segunda etapa de trabalho de campo, na cidade de Belém, onde residem quatro artesãos de balata. Aproveitando o recesso da universidade e uma viagem para visitar minha família em Bragança, que fica cerca de 200 km de Belém, Luciana Carvalho me incumbira das entrevistas na capital também. Desta vez, contudo, ela deixara todos os artesãos avisados da minha ida.

A programação era parecida com a de Monte Alegre: eu deveria ir à casa de cada artesão e entrevistá-lo, utilizando o mesmo formulário como roteiro de perguntas. O objetivo era contribuir para o mapeamento dos agentes e bens que circulam nos circuitos de produção e consumo de balata. Assim, depois de visitar a família em Bragança, fui para Belém, como o planejado. Fiquei hospedada na casa de um amigo, no bairro de São Braz, próximo ao terminal rodoviário, ou seja, em uma ótima localização que me dava acesso a todos os ônibus que eu precisaria pegar, facilitando minha mobilidade para a casa de cada artesão e ao ponto comum entre eles, a Praça da República.

Nessa praça, aos domingos, vários produtores de diversas tipologias de produtos artesanais, além de vendedores de objetos variados, participam de uma feira semanal que dura de 8 a 13 horas. Foi nesse cenário que, no dia 23 de outubro de 2016, percorrendo dezenas de barracas espalhadas na praça, atenta em cada banca para reconhecer o artesanato, encontrei o artesão Darlindo Oliveira. Apresentei-me como aluna da Luciana Carvalho, que tem relações de anos com esses sujeitos. Em seguida, conheci os outros três: Oscarino Braga, Antônio Braga e Paulo Baía, mais um irmão de Osvaldo. Pedi o endereço e o telefone de cada um, marquei as entrevistas na semana, analisando qual seria o melhor horário para eles, e quando estariam desocupados, em seguida retornei para onde eu estava hospedada.

O primeiro a ser entrevistado foi Antônio Braga, no dia 24 de outubro de 2016. Ele é carinhosamente conhecido como Pitonho, e sua residência era a mais distante de todos, cerca de 70 km do centro de Belém, na Ilha de Mosqueiro. Chegando lá, Pitonho já me esperava na parada de ônibus. Logo nos direcionamos para um bar que ficava próximo e ali mesmo realizamos a entrevista. Durante as perguntas formais Pitonho estava tímido, respondendo o mais breve e direto possível. Foi a entrevista mais curta das que realizei. No entanto, depois que desliguei o gravador, a conversa informal durou horas, ouvi histórias dos seus porres, mulheres e filhos. Em seguida

ele me levou até sua casa, fui apresentada a dois de seus filhos, e ainda ganhei peças de artesanato de balata.

No dia 26 de outubro de 2016, dois dias após a entrevista com Pitonho, fui ao encontro de Oscarino Braga (Figura 5), seu irmão mais novo. Oscarino mora no bairro de Sousa e me recebeu no pátio de sua casa. Com ele, a entrevista aconteceu enquanto confeccionava os bichinhos de balata, o que me permitiu apreciar sua habilidade na modelagem da balata.

Figura 5: Oscarino Braga



Fonte: Luciana Carvalho.

Na parte da tarde fui ao encontro de Paulo Baía, no bairro do Telégrafo. No dia seguinte foi a vez de Darlindo Oliveira (Figura 6), no bairro do Tenoné. Bastante extrovertido, e um dos principais responsáveis pela mobilização dos artesãos, foi o que

deu mais informações detalhadas de como funcionava a dinâmica da cadeia produtiva da balata.

Figura 6: Darlindo Oliveira em reunião



Fonte: Luciana Carvalho.

Em abril de 2017, retornei a Monte Alegre com Luciana Carvalho, desta vez para encontrar José Santana, conhecido como Zeca (Figura 7). Quando ele me foi apresentado, eu finalmente estava conhecendo um balateiro, figura de que tanto ouvi falar! Zeca é o presidente da Associação dos Balateiros da Calha Norte. Ele atua como balateiro conforme as demandas de balata e de acordo com a sazonalidade local. No caso, a extração ocorre sempre no período chuvoso referido como inverno; no período do verão, é garimpeiro; ainda, nos meses chuvosos quando não há encomenda de balata, fica em Monte Alegre e trabalha como mototaxista.

Figura 7: José Santana (Zeca)



Fonte: Luciana Carvalho.

Na noite que conheci Zeca, nós não chegamos a conversar, pois Luciana Carvalho tinha assuntos pendentes para tratar com ele, assuntos que eu ainda entendia muito pouco. Primeiramente, Luciana justificou sua ausência (por motivos de saúde) durante todo o ano de 2016 e parte de 2017, o que travou o andamento de algumas providências previstas para dar continuidade na busca por direitos daquele grupo.

Já em Santarém, Luciana Carvalho, após uma conversa com Zeca por ligação telefônica, me propôs viajar para Monte Alegre e visitar cada balateiro em sua residência junto com ele. Isso porque no mês seguinte teríamos que dar andamento à demanda de revisão do Termo de Uso da Flota Paru, e era preciso convidar os balateiros.

Sabendo que essa não é uma tarefa muito fácil, Luciana Carvalho me incumbiu de ajudar Zeca a explicar para os demais balateiros o motivo e a pauta da reunião que seria convocada. Além disso, eu tinha o dever de descrever tudo que o Zeca fizesse, como, por exemplo, o planejamento da reunião, as datas e horas que ele decidisse, como ele se portava na hora de convocar os balateiros para a reunião e como eles reagiam aos convites, como se tratavam, sobre o que falavam e etc. Além disso, eu deveria marcar os pontos dos trajetos de cada um com um GPS e pegar os dados de cada balateiro (CPF, RG, endereço e telefone celular).

No dia 09 de maio de 2017 fui sozinha para Monte Alegre a fim de auxiliar Zeca a chamar os balateiros para a tal reunião. Numa tarde de terça-feira, após desembarcar no porto da cidade, fui até a casa de Zeca encontrá-lo. Chegando lá, logo discutimos o planejamento para a chamada dos balateiros. Aproveitando que a tarde ainda estava longe do fim, tomamos a moto que ele usa no serviço de mototáxi e seguimos naquele mesmo dia para a casa de João, balateiro que trabalha com Zeca na extração de látex.

João é o membro da associação que mora na comunidade mais próxima da cidade, Cauçu B, a cerca de alguns quilômetros de Monte Alegre. A maior parte da estrada é asfaltada, o que facilitou bastante nossa chegada à casa dele em um pouco mais de uma hora. Ao chegarmos lá, nos deparamos com a porta fechada e apenas uma janela aberta. Desci da moto, e Zeca fez o mesmo em seguida. Fomos até a janela e vimos João dormindo em uma rede. Zeca o chamou, mas ele não acordou. Zeca, então, sugeriu que fôssemos até a casa do irmão dele, que era ali perto, já que para aproveitar a viagem ele estava incumbido de levar um recado de sua esposa.

Ao chegarmos à casa, alguns parentes dele estavam comendo em uma mesa farta no quintal. Dado o recado, informamos que havíamos visto o João dormindo e que ele não acordara ao chamado de Zeca. Logo nos foi relatado que ele tinha sido visto alcoolizado na véspera. Zeca entendeu que não adiantaria insistir e, mesmo não interessando absolutamente às pessoas que estavam presentes, começou a falar empolgado da reunião e das pautas a serem expostas. Terminou por convidar os parentes.

Ao saímos de lá, Zeca mostrou-me o porto que era subsequente à ponte do Rio Cauçu. Contou-me histórias dos balateiros antigos e de suas festas, como também me mostrou belas paisagens por onde passávamos. Para não perdemos a viagem,

retrocedemos alguns quilômetros de nossa trajetória até a Vila Camp e seguimos para esquerda até a comunidade Nova Altamira.

A estrada não era asfaltada, encontramos dificuldades em alguns trechos que tinham que ser percorridos lentamente, para a moto não atolar. Depois de árduas subidas e descidas, chegamos à casa de Adriano, ao lado da qual funcionava um pequeno comércio onde uma senhora, que descobrimos que era sua mãe, atendia. Adriano não estava em casa, estava na roça plantando banana. Perguntamos se era próximo e se teria a possibilidade de alguém ir chamá-lo, a resposta foi positiva.

Não tardou, e Adriano aproximou-se, suado e com respiração ofegante. Nós o cumprimentamos, e Zeca de imediato perguntou pelo Museu, um dos membros da associação, que não estava na sua casa na comunidade Balança, ao lado de Nova Altamira. Zeca falou da reunião e quem estaria nela, também pediu para Adriano chamar os filhos do Moji, moradores da mesma comunidade, para participar. Esclareceu que seria dada uma ajuda de custo aos participantes, por conta do deslocamento e da perda do dia de trabalho.

Em seguida, falou que estava buscando patrocínio para a próxima expedição de extração de balata. Ponderou que a demanda de balata estava baixa e, principalmente, expôs preocupação quanto à continuidade do trabalho que vem fazendo na associação e deverá ser exercido por outros futuramente. Para Adriano, que não é um associado, mas demonstra grande interesse de acompanhar Zeca nas próximas expedições e aprender a técnica de extração de balata, ele recomendou expressamente:

Pega o teu capital, depois que pegar o conhecimento, faz que nem eu, eu quero entregar para vocês novos, que é para vocês tomarem de conta, que eu já estou coroa já, vocês já vão comandar, eu fico só aplaudindo e dando patrocínio, indo lá, mas eu ainda aguento.

Sem demora, retornamos à casa de Zeca. Na manhã seguinte, nosso destino era a comunidade Nazaré, onde queríamos encontrar Bojó, um balateiro muito experiente. Trafegar pela estrada também foi complicado, ela era íngreme e cheia de pedras, lama e poças de água. Se não estivéssemos na moto, mas em um veículo de maior porte, certamente ficaríamos atolados. As estradas ficam complicadas no período chuvoso, porque não são pavimentadas.

Zeca não sabia o caminho exato até o destino, por isso paramos várias vezes diante de casas para perguntar a melhor via. Além de se informar sobre o caminho,

ele sempre perguntava se a pessoa era parente de alguém que ele conhecia e, mesmo a resposta sendo negativa, ele imediatamente sabia outra possibilidade de parentesco.

A conversa entre nós se desenvolvia sem dificuldades enquanto viajávamos, trocávamos ideias pessoais assim como experiências vividas, ainda que não interessassem para a pesquisa. Zeca também respondia atencioso a minhas curiosidades, tanto sobre a balata quanto sobre elementos que despertavam dúvidas no decorrer da viagem. Enfim chegamos à comunidade Nazaré, mas Zeca não sabia onde era a casa de Bojó. Perguntamos a uma pessoa que passava na rua e logo ela nos explicou e encaminhou ao local certo.

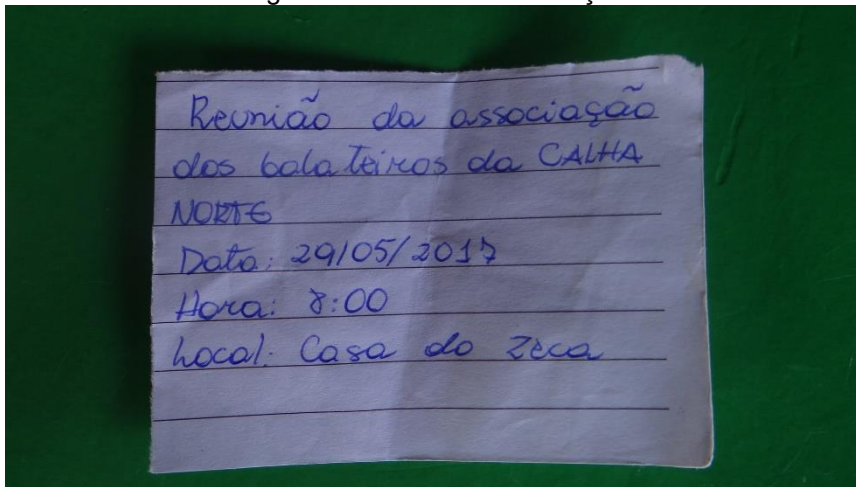
Ao chegarmos à residência, havia um amontoado de mandioca que acabara de ser colhida e estava sendo descascada por mulheres e crianças. Zeca logo pegou uma faca e começou a ajudá-las a descascar. Ofereceram-nos assentos e café.

Bojó não estava presente, mas logo depois chegou. Assim que ele e Zeca se viram, prontamente começaram as gargalhadas e brincadeiras recíprocas. Os únicos minutos de seriedade durante a visita foram quando Zeca explicou as pautas da reunião. A conversa durou em torno de meia hora dividida entre assuntos sobre agricultura, mulheres e histórias de porres.

No dia seguinte, ainda cedo, resolvemos retornar à casa do João, um dos integrantes do grupo de balateiros com quem Zeca tem mais contato, pois é também cunhado dele. Ele estava acordado dessa vez e nos recebeu gentilmente. Logo que chegamos, sentamo-nos um pouco. Zeca, além de informar as razões e pautas da reunião que estava sendo convocada, voltou a falar de sua preocupação em ensinar aos mais jovens as técnicas de extração da balata: “A gente tá tentando resgatar a cultura antiga dos nossos pais, das pessoas, para não deixar acabar, é só por isso mesmo.”

Com a visita a João, encerramos nossa meta de convidar pelo menos os balateiros ativos atualmente para a reunião. Depois disso, fomos embora cansados e satisfeitos pela convocação da reunião. Para fixarem o compromisso, todos os convidados receberam um bilhete de convocação improvisado em recortes de papel (Figura 8). Aparentemente, nossas estratégias funcionaram porque pelo menos os principais convidados (Figura 9) compareceram à reunião, realizada menos de 20 dias depois.

Figura 8: Bilhete de convocação



Fonte: Pepca/Ufopa.

Figura 9: Reunião de balateiros e parceiros



Fonte: Pepca/Ufopa.

Em 2018, voltei a Monte Alegre em companhia do Prof. Bruno Mileo com a finalidade de auxiliá-lo na montagem de uma exposição permanente sobre o extrativismo de balata no *campus* da Ufopa. A mostra continha painéis e textos e fotos, apetrechos e instrumentos de trabalho dos balateiros, um bloco de balata e várias peças de artesanato, doadas por artesãos de Belém. Foi proposta visando à difusão de referências culturais da população local e à valorização do patrimônio cultural do Pará, e aparentemente alcançou seus objetivos.

Na programação de inauguração da exposição, houve sessões de exibição do filme *Balatais de Saudade*, que eu organizei junto com a direção de escolas do município. A sessão inaugural foi seguida de uma mesa-redonda com artesãos, o

balateiro Zeca, o representante de uma associação local que apoia o trabalho dos extrativistas e Luciana Carvalho. Diante de vários estudantes, Zeca, sobretudo, fez considerações contundentes sobre a vida e o trabalho dos balateiros, grupo que passo a apresentar no capítulo seguinte.

3 OS BALATEIROS DE MONTE ALEGRE

Os balateiros são extrativistas de um tipo de látex da árvore chamada popularmente de balateira (*Manilkara bidentata*). Indivíduos dessa espécie estão presentes em áreas que integram a Flota Estadual do Paru. Essa Unidade de Conservação (UCs) abarca municípios de Almeirim, Monte Alegre, Óbidos, Prainha e Alenquer.

A balata já foi utilizada para a produção de materiais odontológicos, fios elétricos, correias, bolas de golfe, pneus de aviões etc. Movimentou a economia paraense do período de 1930 a 1970, especialmente nos municípios de Monte Alegre, Almeirim e Óbidos (CARVALHO, 2013). Hoje, a extração persiste somente no município de Monte Alegre, porém em baixa escala. A produção é destinada principalmente para artesãos que fazem manualmente bichinhos e personagens de balata representativos da Amazônia (CARVALHO, 2013).

Esses artesãos costumam vender em Belém e em outros estados e até outros países. O artesanato de balata ganhou bastante visibilidade nos anos 2000. Tornou-se um artesanato que foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Estado do Pará pela Lei nº 8.073/2014. Também recebeu o certificado da 3ª edição do prêmio “Reconhecimento de Excelência da UNESCO para produtos artesanais do Mercosul”.

Uma das características históricas fundamentais das relações de trabalho e organização dos envolvidos na cadeia produtiva de balata é a hierarquia. Os balateiros eram a base dela; acima deles estavam o encarregado e o chefe de turma, que em muitas ocasiões eram papéis desempenhados pela mesma pessoa, e, em seguida, o patrão local e mais acima o patrão regional e acima de todos, as empresas compradoras, situadas no exterior (SILVA, 2016).

Os envolvidos na cadeia produtiva geralmente possuíam contato apenas com os atores imediatamente acima ou abaixo deles. Sendo assim os balateiros mantinham um contato mais próximo com o encarregado ou chefe de turma. Os que estavam acima deles dificilmente teriam noção das dificuldades enfrentadas para extração da balata e as exigências de habilidades que vão além da técnica de extração.

As ordens sempre vinham de cima, e a cadeia produtiva dinamizava-se de acordo com as demandas das indústrias internacionais. Os padrões regionais

concentravam-se nas capitais do Pará e do Amazonas e apenas eles mantinham contato com os padrões internacionais.

Toda a cadeia produtiva era regida pelo sistema de aviação, que, como afirma McGrath (1999), constituiu um sistema econômico tradicional na Amazônia. Aramburu (1996, p. 91) descreveu-o como um “sistema recorrente nas formas de contratos na Amazônia brasileira” no qual o comerciante/aviador adianta bens de produtos extrativos e agrícolas, caracterizando uma forma eficiente de crédito (SILVA, 2016, p.23).

Os balateiros eram aviados pelo patrão local, ele financiava todos os utensílios para a expedição e ainda disponibilizava uma quantia em dinheiro. Além disso, era dono de um comércio onde as famílias dos balateiros tinham liberdade de comprar o que precisassem durante a estadia do extrativista na floresta. Nesses comércios, além da venda de alimentos, eram vendidos ferramentas e medicamentos. Para suprir a procura dos equipamentos necessários para a extração os regatões vinham da capital e vendiam para o patrão local, que revendia para os balateiros por preços mais altos.

Até o terceiro quartel do século XX, entre grande parte da população regional preponderavam trocas diretas de produtos decorrentes de atividades agrícolas, extrativistas e pesqueiras (MACHADO, 1999). Pouco dinheiro circulava, principalmente nas zonas rurais e ribeirinhas. O acesso a bens industrializados e mercadorias produzidas fora da região era, em geral, mediado por comerciantes popularmente chamados regatões e marreteiros, que os vendiam a crédito ou os trocavam por produtos nativos que, depois, revendiam em outros mercados a preços mais altos [...] (CARVALHO; SOUZA; CUNHA, 2018, p. 8)

O patrão local não negava qualquer tipo de empréstimo, pois na chegada do balateiro na cidade ele iria descontar do dinheiro que o balateiro iria ganhar com a matéria prima extraída. Como a família não tinha como fazer empréstimos em outros comércios, tornavam-se clientes obrigatórios.

A balata era a principal moeda de troca nas transações entre balateiros, padrões locais, padrões regionais e padrões estrangeiros. A circulação dessa “moeda” em favor desses últimos começava logo após o retorno dos balateiros da floresta. Quando eles chegavam da expedição de coleta, sua produção era pesada e enviada pelos padrões locais para as capitais, de onde os padrões regionais faziam exportações para compradores estrangeiros (SILVA, 2016, p.24)

O patrão local, além de manter a clientela obrigatória, aumentava o dobro do preço das vendas em seu comércio do que era cobrado dos outros clientes e ainda decidia o quanto ia pagar pela produção do extrativista. Muitas vezes o que o balateiro produzia, segundo o patrão que dava os preços, não era o suficiente para quitar suas dívidas. Assim, a dívida do balateiro ficava para a próxima expedição, consolidando sua continuidade de trabalho com o mesmo patrão no ano seguinte.

Difícilmente um balateiro trocava de patrão se estivesse devendo, e caso isso ocorresse o novo patrão quitava a dívida com o patrão anterior. Os patrões comumente eram parentes ou mantinham fortes laços de amizade. Segundo Silva (2016, p. 26), “essa proximidade entre os patrões possibilitava um maior controle da força de trabalho de cada um dos seus trabalhadores”.

É interessante destacar que os contratos feitos entre patrões e balateiros eram baseados na palavra, nas relações de confiança entre eles. Não existia nenhum papel que comprovasse tal contrato ou acordo. O encarregado era responsável de contratar o chefe de turma e era quem “cuidava” da família do balateiro quando ele estava para a expedição. Ele também fazia visitas ao balatal, levando mantimentos e anotando as dívidas para o patrão, atuando como um fiscalizador. Muitas vezes era como um mediador entre o patrão local e o chefe de turma.

O chefe de turma é uma figura que existe até hoje, ele é o líder da turma de balateiros, aquele que os chama para o trabalho e é responsável por cada um. O chefe em geral é escolhido por suas habilidades de liderança na floresta. Carvalho (2013, p. 388) acrescenta “no balatal o desempenho da função de chefe de turma exigia mais que recursos materiais: conhecimento, experiência, rigor, praticidade e liderança eram pré-requisitos.” Ele é ainda o ator que lida diretamente com os balateiros, sofrendo junto com eles as dificuldades das expedições.

O grupo de extrativistas de balata que ainda permanecem ativos compõe-se de quatro homens: José da Cunha Santana (Zeca), único residente da zona urbana de Monte Alegre, no bairro Terra Amarela, presidente da Associação dos Balateiros da Calha Norte; Delival de Oliveira Batista (Bojó), residente na zona rural, comunidade de Nazaré; João Batista da Conceição, residente na zona rural do Cauçu B, no bairro Maicuru, e Edinaldo da Conceição dos Santos (Museu), o mais novo dos balateiros.

A idade deles varia de 40 a 60 anos. Alguns aprenderam o ofício de balateiro com os pais, que também foram filhos de balateiros. Quando não estão trabalhando com balata, desenvolvem outras atividades para obter renda, como afirmou Zeca: “Quando eu não faço expedição, eu procuro os garimpos. Quando eu chego dos garimpos que o inverno está forte, eu não paro em casa, vou fazer mototáxi. Deixei de trabalhar na feira e faço mototáxi na rua”.

Atualmente, com a decadência comercial da balata e de seu valor comercial, ocorrida a partir de 1970, o produto passou a ser destinado exclusivamente para

artesãos. Ainda assim, o sistema do aviamento imperava. O patrão aviava o balateiro e revendia a matéria-prima para os artesãos, intermediando a relação entre artesão e balateiro. Recentemente, a partir de 2010, esse intermediário foi quebrado, e apenas balateiros e artesãos compõem a atual cadeia produtiva de balata.

Embora tenha se desarticulado consideravelmente em fins do século XX, com medidas de reordenamento fundiário, criação de Reservas Extrativistas e novas relações de trabalho (Alegretti, 2008), o aviamento não foi extinto e ainda é praticado em setores extrativistas e pesqueiros na Amazônia (Alves, 2006). No extrativismo de balata o sistema prevaleceu, em pequena escala, até o início dos anos 2000, articulado por um sujeito que também se servia da matéria-prima para confecção de artesanato, bem como para revenda a outros artesãos. (CARVALHO, 2017,p.8)

Hoje a extração é realizada com menor frequência dependendo da solicitação dos artesãos e da quantidade pedida por eles. A quantidade tem que ser o bastante para a expedição valer a pena, do ponto de vista econômico. Relatando uma negociação com um cliente que queria fazer experimentos odontológicos com balata, Zeca negou a ida ao balatal devido à baixa quantidade encomendada: “Você está me pedindo 900 kg, mas é só você, os artesãos não pediram nem um, então tem que aparecer alguém para pedir mais, só podemos ir lá de 1.500 kg para frente, para poder compensar”.

As expedições são planejadas com antecedência, em decorrência da longa estadia nas áreas de concentração das balateiras, que são chamadas de balatais. A estadia dura cerca de seis meses, e antes disso é necessário formar a turma de balateiros composta por quatro ou cinco homens que devem planejar juntos as ações, como ocorreu em uma reunião preparatória retratada na Figura 10.

Figura 10: Turma de balateiros planejando a expedição de 2012



Fonte: Luciana Carvalho.

Após a turma ser formada são preparados os alimentos que serão levados para o balatal: café, farinha, óleo, sal e outros. Também se ajeitam os utensílios necessários que facilitem a caça e a pesca: anzol, isqueiro, espingarda, faca de cozinha, prato, colher etc. Ainda há os instrumentos que facilitem a locomoção na floresta como: lanternas, pilhas, lâmpadas para a lanterna, entre outros. Medicamentos para as possíveis doenças também são necessários na bagagem (Figura 11).

Figura 11: Preparativos para expedição em 2012



Fonte: Luciana Carvalho.

Para o trabalho propriamente, os balateiros carregam latas de leite de 18 litros vazias, que são utilizadas para o cozimento da balata. Seu paramento inclui cabos de aço, cintos reforçados e esporas; todos são usados para pendurar-se e locomover-se na árvore que pode chegar a 40 metros de altura. As esporas são fixadas nas botas por meio de francaletes. Também se leva terçado para cortar a árvore e assim derramar o leite, caneleiras e roupas que protejam a pele.

O acesso aos balatais se dá pelos rios, especialmente pelo rio Maicuru e seus igarapés. Segundo Carvalho (2013, p.380) “A principal área de ocorrência e exploração da balateira no Pará corresponde às florestas circunscritas pelos rios Curuá, Maicuru, Paru e Jari.” Entretanto existem trechos que precisam ser feitos a pé, pois há inúmeras pedras e cachoeiras, como revela a Figura 12. Nesses casos os balateiros acampam durante a noite para comer e dormir e improvisam um tapiri com cobertura.

Figura 12: Trecho de viagem no rio Maicuru



Fonte: Pepca/Ufopa.

Devido às condições de navegação, a viagem é feita no período chuvoso, quando o rio está mais cheio. A volta do balatal também deve ser feita na cheia dos rios, inclusive para facilitar a locomoção dos blocos de balata que forem produzidos, pesando entre 50kg e 60 kg em média. Como alega Silva (2016, p. 30), “quanto mais

baixo o leito do rio, maiores são os riscos de alagamentos e perda da produção devido às fortes corredeiras que apresentam o Maicuru, o Paru e outros afluentes da margem esquerda do Amazonas, que levam aos balatais.” Ainda com todo cuidado é comum a perda de alguns blocos.

Para aguentar a viagem, as embarcações são encomendadas a profissionais da confiança dos balateiros. Todo o material que é levado deve ser cuidadosamente posto em sacos plásticos para que não molhe. Tudo deve ser calculado para que não falte nada durante a estada na floresta, pois não é possível retornar rapidamente à cidade. Durante esse período de isolamento, as turmas são comandadas pelo chefe de turma, que exerce liderança no balatal, como explica Zeca:

Eu que resolvo as coisas, detalhe, eu que trabalho como é para ser. Por exemplo, tanto na subida como na descida, quem pilota sou eu, eu que levo, eu que trago, eu que vou olhar por onde podemos passar, por onde não pode, determino a hora que pode sair, a hora que pode chegar em um lugar qualquer, eu baseio sabe, aquela base de nos chegarmos com um tempo de fazer o nosso tapiri, de primeiro era tapiri, agora que nós chamamos de barraco para onde eu trabalho para fora, para o lado da Venezuela.

Souza (2017, p. 83) conta que “no passado, as viagens rio acima duravam cerca de trinta dias, em canoas a remo. Atualmente, com o uso do motor, elas levam uma semana.” Sem dúvida, com o passar do tempo, os meios de transporte foram se modernizando, e os remos foram trocados por rabetas. Algumas pistas de pouso foram construídas na floresta, no auge do comércio de balata, e muitas vezes foram também usadas para transportar balateiros e blocos de balata. Hoje o principal acesso ainda é por meio dos rios, e os aviões são inviáveis para os balateiros devido ao alto custo.

Como de praxe, a turma se reúne na cidade para começar a árdua viagem. Primeiro, segue por terra em veículo fretado até a localidade rural da Barragem. Aí os balateiros desembarcam e passam para a canoa, junto com toda a sua carga. Navegam até a Cachoeira do Macaco e, mais uma vez, desembarcam para seguir trechos a pé ou no lombo de animais que são alugados em uma fazenda da localidade. O percurso é feito em meio à floresta nativa, em um terreno acidentado com muitos morros, até chegar a uma antiga pista de pouso, hoje desativada, no lugar chamado Jacaré, de onde seguem para o balatal que decidiram explorar. (SOUZA, 2017, p.81).

Após chegarem ao balatal, eles organizam um tapiri próximo de algum rio. Segundo Zeca, demora no máximo dois dias: “Em um dia fazemos ele, somos uma equipe de quatro, cinco pessoas. É rápido para fazer. No máximo dois dias, tem que fazer (tanque), o assento do tacho[...]”. Tacho é um recipiente que pode ser de alumínio, cobre ou ferro, e é usado para cozinhar.

No dia a dia, cada balateiro fica responsável por alguma das tarefas de manutenção do grupo: limpeza do terreno em que estão hospedados, caça, pesca, preparo das refeições. Além de caçar e pescar para se manterem na floresta bem alimentados, os balateiros também plantam e coletam tanto do que plantaram como da própria floresta: frutas, verduras, plantas medicinais e outros produtos. Desse modo, o tapiri torna-se um lugar de relacionamento entre os balateiros, onde criam laços afetivos.

Com o tapiri montado os balateiros andam atentos pelo balatal para delimitarem as vias que levarão aos espaços que serão explorados por cada um deles. Cada qual será responsável por todo o látex que extrair. Eles acordam cedo, tomam café e vão, cada um para o espaço que foi delimitado por eles. Esta etapa, assim como a expedição exige habilidades de quem já vivenciou muitas vezes a floresta. Além de ter que saber extrair balata, é preciso saber caçar, pescar, preparar e cozinhar a caça. Além disso, é preciso conhecer os rios e trechos que direcionam para os balatais.

Silva (2016), que foi pesquisador do Pepca e aparece na Figura 13 em uma tentativa de subir na balateira, é quem explica como se faz a extração do látex:

Para fazer a extração propriamente dita, o balateiro escala a árvore com auxílio das esporas, que são fincadas no tronco, e de um cabo de aço transpassado pelo cinturão de couro, que prende o homem ao tronco enquanto escala, deixando-lhe as mãos livres para deferir golpes de terçado a fim de escorrer o leite. O cabo era envolto à cintura e abarcava a árvore ao mesmo tempo, sendo regulado através de uma chaveta. (SILVA, 2016, p. 38)

Os cortes em formato de espinha de peixe iniciam-se no pé da balateira e vão sendo feitos até os pontos mais altos da árvore. No lugar que foi iniciado o corte é fixado com um prego um saco de sarrapilha impermeabilizado de balata, é nesse saco que o látex escorre e acumula-se. Segundo Zeca, diariamente são cortadas cerca de quatro árvores, e quantidade látex depende de cada árvore ²:

Varia, depende da grossura e altura. Por exemplo, uma árvore que tem três metros de roda, sadia e boa, vai dar uma base de cinco quilos, sete quilos, quatro quilos... Tem umas que a carne é bem grossa, outras secas. Essas que são carnudas dá bem leite, as de pouca carne, dá pouco leite. Tem árvore que dá até 15 kg, mas é raro. (Zeca, balateiro)

² As mesmas árvores só podem ser cortadas após cerca de vinte anos, tempo que levam para se recuperar integralmente dos cortes. Inclusive as balateiras possuem marcas de mais de cinquenta anos, ainda do período em que a balata teve seu auge comercial.

Figura 13: Bojó e Zeca observam Marcelo aprendendo a escalar a balateira



Fonte: Pepca/Ufopa.

Zeca conta que eles geralmente terminam de cortar as árvores por volta de oito horas da manhã. O sol vai esquentando e eles se abrigam. Somente entre 14 e 15 horas eles retornam para colher o saco com o látex, pois normalmente a esse tempo o leite termina de escorrer. Segundo ele, o tempo gasto para os cortes das árvores depende do tamanho da árvore e das habilidades do balateiro:

Vai depender muito do balateiro, depende muito do braço dele, se for um balateiro rápido no braço, gasta uma hora, tem árvore que é baixa, gasta 40 minutos, tem árvore que gasta até três horas, depende do balateiro e da árvore, tem árvore muito alta e grossa.

Para fazer os blocos de balata, o líquido extraído é cozido no tacho e mexido com um pedaço de madeira até se transformar em uma pasta. Em seguida ele é limpo como descreve Souza (2017, p.87):

Ainda quente, essa pasta é jogada sobre forquilhas para uma limpeza feita de forma artesanal à base de “estica e puxa”, isto é, puxando, sovando e espichando a massa. Assim se retiram folhas, gravetos e outras impurezas que não devem permanecer no produto final.

Em seguida, essa pasta é colocada em forma de lâminas umas em cima das outras, em moldes de madeiras feitos previamente, atravessados por um pau. Esse pau é importante para formar o orifício no centro do bloco, onde irá ser colocado o cabo de aço o que facilita o seu transporte até a cidade. Em menos de três dias a balata esfria e formam os blocos, e esses blocos são acomodados próximo ao tapiri, imergidos em algum igarapé próximo ao acampamento.

O retorno à cidade é mais complicado que a ida ao balatal, pois é preciso trazer cerca de uma tonelada de balata (no passado trazia-se muito mais que isso, pois cada balateiro de uma turma produzia entre uma e duas toneladas em blocos). Além de carregar os blocos nas costas até embarcá-los no ponto mais próximo possível ao acampamento, há trechos que os balateiros devem cruzar no lombo de animais, conforme ilustra a Figura 14.

Figura 14: Carregamento de balata em animal



Fonte: Pepca/Ufopa.

Quando em água, os blocos podem ser transportados presos nas embarcações. Quando um bloco é desatado, os balateiros fazem o que for possível para recuperá-los. Zeca conta que na última expedição dois blocos foram perdidos, o que conseqüentemente gerou prejuízo: “[...]o que marcou foi que perdemos dois blocos do João, o cabo de aço arrebentou na cachoeira. Foi o equivalente a dois mil reais perdidos”. O nível dos rios ainda deve estar alto, caso isso não aconteça, a estratégia é deixar os blocos escondidos, e em um outro momento voltar no local para buscá-los.

Uma vez na cidade, os blocos de balata são entregues aos clientes, no caso, principalmente os artesãos. Quem mais os compra são os artesãos que vivem em Belém, pois têm um maior fluxo de produção e comercialização desse artesanato. Para eles, então, os blocos de balata são enviados por barco para que os retirem no porto da capital paraense. Um ou outro bloco pode ser enviado para Santarém, onde reside o artesão Beto. Porém, isso não é frequente.

4 OS ARTESÃOS

Uma sociedade se revela de diferentes formas por meio de expressões materiais. O artesanato exprime figurações e necessidades de uso que permitem descortinar aspectos fundamentais para a compreensão de distintos modos de vida (VELTHEM, 1998 apud Sousa, 2009).

Na Amazônia a prática artesanal sempre existiu, inicialmente com povos ameríndios que desenvolveram diversas técnicas manuais de uso dos recursos naturais, tanto madeireiros quanto não madeireiros. No decorrer do tempo outras populações amazônicas assimilaram esses saberes (BENCHIMOL, apud Sousa, 1999).

Entre os recursos florestais não madeireiros está a borracha, uma importante matéria-prima para a produção de artesanato, como constatado por Carvalho (2006, p. 7): “a produção de objetos ornamentais em látex vegetal constitui, desde pelo menos o século 19, uma atividade artesanal praticada tanto por povos nativos quanto por grupos populares da Amazônia brasileira”. Embora menos conhecida, a balata também é uma matéria-prima muito propícia para a confecção de artesanato, graças a suas propriedades maleáveis e duráveis. O látex vegetal da balateira, depois de transformados em blocos sólidos, pode ser cozido e amolecido. Assim, torna-se uma espécie de massa de modelar.

Foi após a decadência das exportações de balata, em 1970, que dois balateiros chamados Benjamim Loureiro Braga (seu Beja) e João Fernandes (João Boi), que costumavam fazer bichinhos de balata com os blocos que não eram vendidos, começaram a produzir com mais frequência. Os artesãos em atividade hoje em dia, na época, eram vizinhos desses dois balateiros/artesãos. Foi sob sua influência, então, que começaram a moldar animais nativos com balata, e assim se formou a atual geração de artesãos especializados.

Ao todo, são sete homens que respondem pela produção de miniaturas de balata no Pará: três na região oeste e quatro em Belém, embora todos sejam naturais de Monte Alegre. Alguns deles envolvem esposa e filhos no trabalho, que os acompanham em feiras e em algumas etapas de produção, especialmente no acabamento.

O artesanato para esses homens e suas respectivas famílias tornou-se a principal fonte de renda, sendo para alguns a única. Os quatro artesãos que moram em Belém — Darlindo, Paulo, Antônio e Oscarino — vendem todos os domingos na feira da Praça da república, que reúne outros artesãos e vendedores de roupa, alimentos, utensílios para casa, bijouterias e outros. Eles também possuem três pontos de vendas fixos: em Belém, o espaço São José liberto e a A Casa do Artesão; no Rio de Janeiro, o Museu de Folclore Edison Carneiro. Todos os artesãos têm clientes distintos e fixos espalhados no Pará ou em outros estados. Ademais, eles costumam participar de feiras e eventos especializados onde igualmente comercializam o artesanato.

4.1 Perfil dos artesãos

Oswaldo Leonel Baía, 77 anos, reside no bairro Serra Ocidental, na cidade de Monte Alegre. Além de artesão também foi patrão de balata até 2010. Manteve, ainda que em menor proporção que havia no passado, o sistema de aviamento, onde aviava balateiros e revendia para os outros artesãos. A balata que ele utiliza para confeccionar os objetos ainda é do restante de blocos que ele negociou como patrão. Apenas ele e a esposa trabalham na sua residência, onde moram onze pessoas. Fora a aposentadoria de ambos, a renda é complementada com a venda de artesanato de balata e com a atividade de costura exercida por sua esposa. Oswaldo relata que sua profissão era de cabeleireiro, e foi por influência do vizinho João Fernandes (João Boi) que iniciou o seu interesse e dos irmãos em trabalhar com artesanato.

Tinha um senhor chamado João Fernandes, que era balateiro e morava do lado da casa do meu pai. Meu pai morava no garimpo. Ele inventou uma profissão de trabalhar de fazer bichinhos de balata, tatu, cavalinho, vaquinha. Ele começou a trabalhar aqui em Monte Alegre, e como nós morávamos aqui também, meus irmãos e meus pais, meus irmãos iam para lá abelhudar vendo ele trabalhar na bacia, e eu atinando, eles aprenderam também. (Entrevista de Oswaldo Silva, 2016)

Luís Carlos Leonel Baía, 67 anos, reside na travessa Corrêa, na cidade de Monte Alegre. Mora com a esposa e um filho.

Carlos Alberto Leonel Baía (Beto), 54 anos, reside em Santarém desde 1973. Nessa cidade é o único artesão de balata. Na sua casa ele mora com a esposa e duas filhas e é o único que trabalha. Diferente dos outros artesãos que começaram a fazer artesanato ainda quando eram crianças, Alberto tornou-se artesão com 22 anos.

Na realidade quem trabalhava era meus irmãos. Tinha um senhor em Monte Alegre chamado João Boi, eu tenho dois irmãos que são o Carlinhos e o Paulo, eles trabalhavam com esse homem. Nunca me interessei, só os via trabalhando para lá com Balata. Eu pegava de vez em quando tentando fazer, até que uns tempos eu disse: “Vou tentar fazer mesmo.” Então comecei dos meus 22 anos para cá, estou com 51, todo tempo trabalhando com artesanato. (Entrevista de Alberto, 2016)

Antônio José Porto Braga (Pitonho), 67 anos, reside em Mosqueiro, Belém. Atualmente, mora com os dois filhos, que o ajudam na produção de artesanato. Os três contribuem para a renda da família.

Oscarino Porto Braga, 60 anos, reside no Conjunto Império Amazônia, Bairro de Sousa. Divide a casa com sua ex-esposa. Ela trabalha na feira, e os dois ajudam nos custos da casa.

Paulo Assis Leonel Baía, 63 anos, reside na rua Duna. Vive com sua esposa e filha, e na família é o único que trabalha. Tal qual Osvaldo Baía e Carlos Baía, seus irmãos, Paulo aprendeu a fazer o artesanato com o seu vizinho de João Boi.

Morava o João Boi do lado de casa, tudo começou com eu olhando e comecei a praticar em casa. Depois comecei a vender, fui embora para Santarém lá comecei a trabalhar com a balata, já fui empregado tudo mas sempre eu volto para a balata, agora é definitivo. (Entrevista de Paulo Baía, 2016)

Darlindo José de Oliveira Pinto, reside no bairro Tenoné, em Belém, com a esposa e um casal de filhos. A esposa dele também é artesã de balata, e os dois trabalham juntos. Ele também aprendeu a técnica de modelagem com João Boi.

O meu quintal dava de fundo com o quintal do seu João Boi, que até então era um extrativista, que ele e o senhor Beja faziam as peças. Na época eu tinha dez anos, eu brechava do meu quintal, o quintal dele. Quando ele saía, eu pegava um pedaço de balata, ia fazer em casa os bichinhos e ia vender no navio para subir o rio. (Entrevista de Darlindo Oliveira, 2016)

Darlindo Oliveira costuma ser o mais engajado politicamente e liderar o grupo dos artesãos em questões referentes à organização para negociar a extração da balata. Nas entrevistas com os outros artesãos quando questionados sobre assuntos referentes à logística, previsão de extração, projetos, era comum se referirem ao Darlindo Oliveira como melhor conhecedor. Oscarino Braga assegurou: “Quem faz os projetos é o Darlindo, nós nos dividimos para pagar a internet e é ele quem fica responsável por estar sempre inteirado nas questões da captação de recursos.”

4.2 Técnica do artesanato de balata

Os artesãos geralmente produzem as peças nas suas próprias casas, o que facilita conciliarem o trabalho com as outras responsabilidades diárias. Seus instrumentos de trabalho também são caseiros.

É preciso terem próximo ao espaço de produção um fogão, que pode ser a gás ou mesmo uma fogueira feita com pedaços de madeira e um suporte que pode ser feito de pedra ou outro material para apoiar uma panela com água que se mantenha quente durante o processo.

Outro objeto necessário é uma bacia com água em temperatura ambiente. Em cima da bacia eles atravessam uma tábua de madeira onde colocam tesoura, uma pequena faca e um raio de bicicleta. Além disso miçangas e tinta óleo de diversas cores para o acabamento.

A seguir passo a apresentar as etapas de produção.

Etapa 1: Cozimento e transformação da balata sólida em massa

A balata, como se viu, é adquirida em blocos. Primeiro, como mostra a Figura 15, eles cortam em pequenos pedaços do bloco com um facão. Depois, colocam-nos na panela que já está com a água quente. Espera-se a balata cozinhar e amolecer. Durante esse processo a balata em cozimento é mexida com uma colher de pau ou até mesmo um pedaço de madeira, desde que cumpra a mesma função.

Figura 15: Beto cortando o bloco de balata em pedaços para cozinhar



Fonte: Luciana Carvalho.

Etapa 2: Obtenção do ponto da massa

Com a massa de balata amolecida, jogam água fria e inicia-se um processo que eles chamam de puxar a balata. Esse processo pode ser realizado com a mão ou pé. É esse processo de puxar a balata que faz com que ela chegue em um ponto de liga, que é o estado em que ela está pronta para ser moldada, tal qual umas “bolas” que aparecem ao centro da mesate da Figura 16.

Figura 16: Diferentes etapas da produção



Fonte: Luciana Carvalho.

Etapa 3: Modelagem

É nesse momento que a massa de balata é moldada manualmente dentro da bacia com água na temperatura ambiente. É nessa etapa também que o tamanho das peças é decidido. Pequenos pedaços do mesmo tamanho já são separados e colocados na bacia com água. As peças são geralmente fabricadas em série. Conforme a massa esfria, ela enrijece com a forma manipulada pelo artesão. É nessa etapa também que as tintas são misturadas com a massa. Na Figura 17 pode-se ver as primeiras peças produzidas por aprendizes em uma oficina, entre duas bacias onde outras aprendizes ainda modelam suas peças.

Figura 17: Aprendizes modelando peças



Fonte: Luciana Carvalho.

Algumas peças possuem mais de uma coloração, e são formadas da união de pequenos pedaços diferentes. Tudo depende da forma e da cor que os artesãos

desejam dar aos objetos. Por exemplo: caso seja feita uma árvore de açaí, as folhas, o caule, e os cachos do fruto, cada qual na sua cor, já terão sido moldados antes de serem unidos. Desse modo, dependendo da peça, alguns detalhes são colados com solda. Quanto ao colorido das peças, Oscarino explica:

A ideia de colorir a balata sempre existiu, mas não tínhamos os materiais necessários. O primeiro método de tingir a balata era queimando-a, até que ficasse escura. Fizemos muito isso até descobrir a tinta de gráfica. Só que infelizmente, essa tinta de gráfica resseca muito a balata, causando a quebra das peças. Uma das cores que mais ressecam é a preta. Porém, um primo meu, experimentou usar tinta a óleo e deu muito certo, inclusive é até melhor pra manusear. (Entrevista de Oscarino Braga, 2016)

Agora, usam apenas tinta a óleo, depois de terem testado diversas tipologias de tinta, como explicou Oscarino. Em entrevista realizada por Brenda Souza com Carlos Alberto (Beto), ele explica bem o processo.

Brenda: Quando o senhor faz os bichinhos, tem algum outro material que vai junto?

Beto: Tem a tinta.

Brenda: Mas na própria massa na manipulação dela, é só a balata?

Beto: Se eu pintar não pega a tinta.

Brenda: É tinta especializada não é?

Beto: É tinta de pintar tela.

Brenda: É a óleo não é?

Beto: É. Pega um pedaço de balata e mistura.

Brenda: O senhor já coloca a tinta na própria massa.

Etapa 4: Acabamento das peças

No acabamento, utiliza-se faca, raio de bicicleta ou qualquer outro objeto que auxilie nos riscos, cortes ou perfurações que dão detalhes a peça. As miçangas igualmente são usadas no acabamento, em geral para dar detalhe aos olhos.

Figura 18: Paulo Baía finalizando uma peça



Fonte: Pepca/Ufopa.

Figura 19: Objetos usados no acabamento das peças



Fonte: Pepca/Ufopa.

4.3 Cuidados com as peças

Depois de prontas, as peças tendem a interagir com a temperatura local; se muito quente, elas podem começar a se deformar, ficando um pouco “meladas”. Também ressecam e podem rachar. Então, hidratar as peças prontas de vez em quando é a recomendação que Darlindo faz aos seus clientes para aumentar a durabilidade dos objetos: “Eu recomento no meu panfleto que de três em três meses coloque de molho para reidratar a matéria prima. A matéria prima contém água com o tempo ela evapora, resseca a peça e vai quebrar.” Com essa recomendação, ele garante que é possível colecionar as peças de balata.

4.4 Repertório de peças

Inicialmente o repertório de balata era limitado. Segundo Darlindo, os balateiros/artesãos trabalhavam apenas com seis tipos de animais: cavalo, vaca, boi, macaco, jacaré e bode. Com o passar do tempo, o repertório foi ampliando-se, e além da fauna e flora amazônica, os artesões reproduzem comportamentos do cotidiano das populações tradicionais, lendas e mitos da Amazônia.

Depois de pegar o gosto de trabalhar, ganhar dinheiro, eu descobri que se focasse nos animais da Amazônia seria bem melhor porque nós somos amazônidas, vimos que futuramente isso seria bom e nós focamos e começamos a fazer todos os bichos, além da fauna e flora, colocamos na balata os costumes do ribeirinho. O ribeirinho apanha o açai da árvore vai vender na canoa, mostramos isso na balata e também os costumes indígenas, as malocas, os índios, a cultura indígena, as lendas e mitos da

Amazônia como o muiraquitã e lara. Na década de oitenta já em Belém eu descobri que os turistas chegavam ao Marajó tiravam fotografias e não levavam nada a não ser fotografias, eu fiz um búfalo com um vaqueiro montado e deu muito certo porque assim eles pegam e levam a lembrança. Esse búfalo rendeu para o grupo de artesãos, eu sou o autor da peça, mas eu botei o nome de todos, ganhamos um prêmio da UNESCO. (Entrevista de Darlindo Oliveira, 2016)

Figura 20: Amostras do artesanato



Fonte: Luciana Carvalho.

O repertório segundo eles, é agora ilimitado, e até roupas já foram confeccionadas com balata, bem como acessórios como pulseiras e braceletes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação na cadeia produtiva do artesanato de balata no Pará é majoritariamente de homens, tanto entre os balateiros quanto entre os artesãos. Eles têm em comum o fato de serem naturais de Monte Alegre e de terem interagido com antigos balateiros/artesãos que são considerados os precursores dessa atividade. No entanto, os grupos de balateiros e artesãos são bastante diferentes nos seus modos de vida e de trabalho. Em alguns momentos as diferenças desaparecem e eles são vistos somente como “trabalhadores da balata”, principalmente quando necessitaram se mobilizar conjuntamente para fundar a associação e se contrapor ao ideflor- Bio. Em outros, essas diferenças produzem desencontros, apesar de dependerem um do outro, os interesses na cadeia produtiva são atagônicos. Os balateiros desejam manter a autonomia na negociação da balata para não terem um novo patrão e os artesãos têm interesse em uma balata de qualidade e barata. As diferenças são apresentadas a seguir, numa imagem representativa da divisão do trabalho e relações entre eles.

Figura 21: Fluxograma



Fonte: Elaboração própria

REFERÊNCIAS

BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema.; Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, 68-80 p.

CARVALHO, L.G. Dor de balateiro é igual dor de mulher esquecidall: memórias dos balatais do Pará. Artigo – Vivência. **Revista de Antropologia**. nº 42, pp. 89-100, 2013.

CARVALHO, L.G. Relações de Trabalho nos Balatais do Pará. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, n 39, p. 373-400, jan/jun. 2013.

CARVALHO, L.G; KISHI, I. S; SILVA, M.A. **Relatório Técnico sobre Extração e Uso de Balata na Floresta Estadual do Paru, Município de Monte Alegre, PA**. Santarém: Pepca/Ufopa, 2012

CARVALHO, L.G; SILVA, M.A. Os Balateiros da Calha Norte: A emergência de um grupo diante das concessões florestais no Pará. **Revista Antropolítica**. n. 42, Niterói, p.164-198, 1. sem. 2017.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de.; SOUZA, Brenda Rúbia Gonçalves de.; CUNHA, Ana Paula de Araújo Gomes. Passaporte para a floresta: A Regulação de Extrativismo de Balata no Pará. **Boletim do Museo Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. 30 p.

DAMATTA, Roberto.“O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues”. Em: NUNES, Edson. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1940

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cutlural. 1976 [1922].

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Céli; GUAZZELLI, César. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2SILVA, Marcelo Araújo da. **Condições de efetivação dos Direitos**

Ambientais de um grupo de Balateiros diante das Concessões Florestais na Flota Do Paru. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito). Universidade Federal do Oeste do Pará –UFOPA. 2016. 99 p.

SOUSA, Marilia de Jesus da Silva e. **Etnografia da produção de Artefatos e Artesanatos em comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã - Médio Solimões.** Uakari (Impresso) (Belém) , v. 5, p. 21-37, 2009.

SOUZA, Brenda Rúbia Gonçalves de. **Balata: Da Floresta à Feira.** Dissertação (Mestrado Recursos Naturais da Amazônia). Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.2017. 140 p.

ANEXO 1

Formulário de perfil sócio-econômico-cultural Público: Artesão

1. Nome:
2. Endereço:
3. Idade:
4. Naturalidade:
5. Profissão:
6. Estado civil:
7. Com quem mora:
8. Atividades que atua para geração de renda:
9. Trabalha com balata?
10. Origem da matéria prima:
11. Forma de aquisição da balata: () direto () Atravessador Quem?
12. Quantidade média comprada de balata nos últimos 6 anos? (kg/ano)
13. Qual o ano que mais comprou balata? (2010 – 2016)
14. Qual o ano que menos comprou balata? (2010 - 2016)
15. Valor médio “pago” na balata nos últimos anos? (R\$/ano)
16. Quando foi a ultima vez que foi comprada a balata? Quanto?
17. Valor pago na última aquisição de balata?

18. Qual o transporte utilizado para adquirir a Balata?
19. Quem paga (responsável) o custo pelo transporte da balata até você?
20. Valor de transporte (da última compra):
21. Objetivo da balata na sua atividade:
22. Produtos finais decorrente da balata:
23. Forma de beneficiamento:
 - a. técnica utilizada:
 - b. Produtos que são utilizados no beneficiamento e onde são:
 - c. quantidade média utilizada da balata por objeto produzido (verificar de acordo com cada objeto):
24. Valor médio de custo por produto:
25. Valor médio de venda por produto:
26. Para quem vende: () consumidor final: () atravessador
27. Qual foi o ano em que venderam mais? (2010 – 2016)
28. Quanto foi vendido? (em quantidade produtos e valor arrecadado):
29. Qual o produto mais procurado? Por que?
30. Tem relação de mercado para venda de seus produtos com: () empresa: Quem? Onde? Desde quando? () outro artesão: Quem? Onde? Desde quando? () associação ou cooperativa: Quem? Onde? Desde quando?

31. Alguém da família trabalha na atividade com você? Em qual fase?

32. Gosta do que faz? Por que?

Responsável pela aplicação: